

Revista da
Guairá

1952
pag. 44 a 49
e 38

Svan e
Mans Pedrox

Instituto de arte contemporânea

Ano IV - N.º 40 • SETEMBRO DE 1952 • Cr\$ 4,00

A FORMA DA ALMA

Revelada num debate sôbre a pintura de hoje - Abstracionismo x Realismo Social

O ambiente no auditório do Ministério da Educação era de expectativa e nervosismo. Ia travar-se aí um debate sôbre o destino da pintura nos dias de hoje: pintar assuntos sociais como querem alguns, sobretudo os comunistas, ou caminhar para uma linguagem própria, sem "assunto", como querem outros, os "abstracionistas". O debate foi promovido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte. Houve até quem promettesse briga se fosse contrariado nos seus pontos de vista.

INÍCIO

A sessão começou com uma homenagem a Manoel Bandeira, o grande poeta, mas "finado crítico de arte", conforme a si mesmo se proclamou, ao agradecer a homenagem. Só fi-

zera crítica, explica, na época em que não havia críticos. Murilo Mendes, outro poeta ilustre, recordou os tempos heróicos da crítica de arte, e Mário Barata, em nome da Associação, saudou o autor de "Libertinagem", lendo inclusive trechos de críticas do poeta homenageado.

REALISMO X ABSTRACIONISMO

Em seguida teve início o debate ansiosamente esperado. A mesa compunha-se de Mario Pedrosa e Flavio de Aquino, da ala abstracionista, Mario Barata e Quirino Campofiorito, do realismo social e Marc Berkowitz, neutro. Também fazia parte da mesma Oswaldo Goeldi, o mestre da gravura.

Abre a discussão Marc Berkowitz. Diz não tomar partido, achando que cada um deve pintar como quizer, sempre



Este é o homem das ruas... Vemos, sentados, o poeta Murilo Mendes, a sra. Mario Pedrosa e a poetisa Maria da Saudade Cortezão Mendes.

ALHUMANA

Texto: Forge Guz

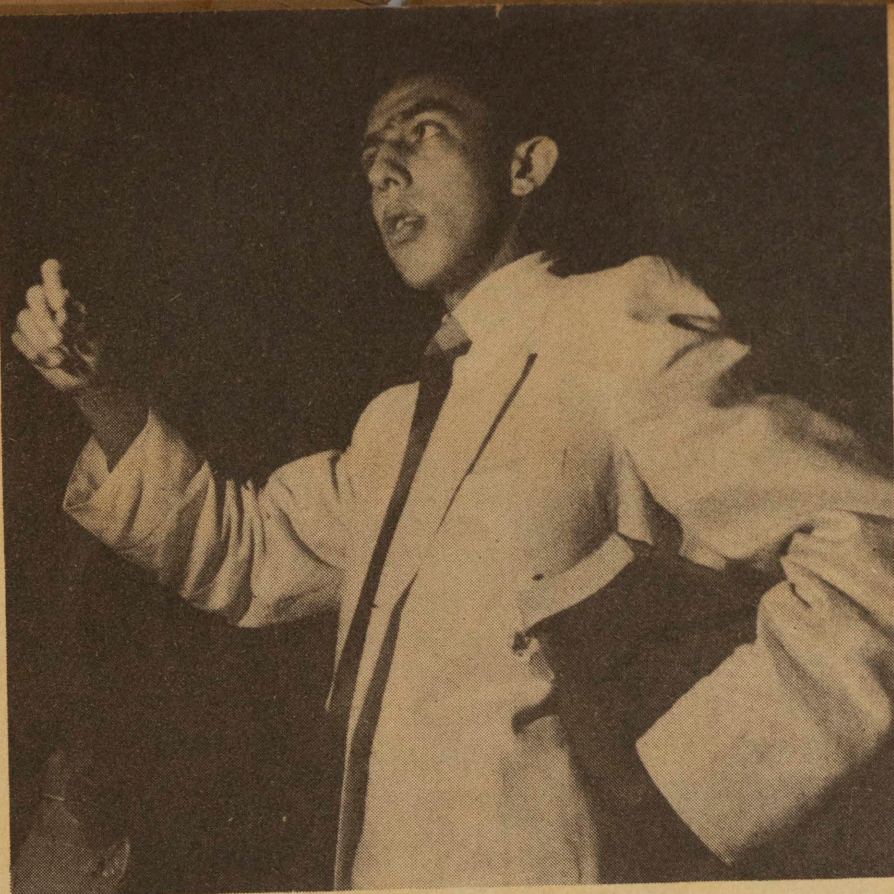
Fotos: Sascha Harnisch

que possível livre de influências estrangeiras.

Flavio de Aquino fala com ajuda das mãos, ou melhor, gesticulando com a eloquência dos naturais do país da ópera. Defendo o abstracionismo exemplificando com as diferentes manifestações artísticas de todos os tempos, assinalando, em todas elas, a presença do que se chamaria o "valor abstrato" da linguagem plástica, ou seja a beleza imanente das puras relações formais e colorísticas. Indaga a seguir: um conjunto de formas e cores puras, pela harmonia de suas simples relações de equilíbrio, é capaz de emocionar? Se se aceita isso, aceita-se a arte abstrata.

REALEJO

Até aqui, o descontentamento ou o entusiasmo se manifesta ainda apenas pelos cochilos e sorrisos significativos en-



"Eu entendo..." diz este expectador.



"A meu ver, este debate é dispensável", diz Flavio de Aquino. Ao seu lado, Mario Pedrosa e Marc Berkowitz.

tre os assistentes. Então a palavra é dada a Campofiorito, crítico-pintor, cuja posição ao lado do realismo-social está definida pelos seus quadros no Salão Nacional de Arte Moderna, aos quais não falta a indefectível "pomba da paz". "Deixei em casa meu realejo, diz o crítico-pintor, e por essa razão nada pode dizer sobre o debate. Acusa Flavio de Aquino de repetir as mesmas "batidas fórmulas" do "realejo dos abstratos", mero jogo de palavras que ninguém entende...

— Eu entendo! grita um assistente. E não sou crítico de arte...

O crítico realista-social perturba-se com a interferência insólita, mas prossegue. Conta, agora, uma "piada" de Portinari sobre a nova corrente pictórica. "São uns surdo-mudos querendo falar ao telefone".

Ninguém percebe o humor da piada.

"A piada é abstrata? pergunta alguém da assistência.

Campofiorito ia ainda prosseguir quando outro assistente interfere:

— Puxa! E o senhor disse que não trouxe o realejo...

FALA O CRÍTICO E O PINTOR RESSONA

A sessão se anima e o público se agita nas poltronas. Os-

waldo Goeldi fala também defendendo um meio termo entre o abstracionismo e o figurativismo, sem contudo chegar ao realismo social. É agora a voz de Mario Pedrosa que se faz ouvir. Sua intervenção causa um *frisson* na assistência devido ao calor com que externa suas opiniões.

— Não posso me isentar de mim, quando crítico diz Pedrosa. E afirma corajosamente que defende a pintura não só abstrata como também a concreta que já é um desenvolvimento desta última escola. Parafraseando Baudelaire acha que "a crítica deve ser apaixonada, parcial, injusta mesmo se necessário". Ouvem-se palavras de apoio e de protesto, da parte do público. Mario Barata entra a defender a pintura chamada "realismo social". Expende suas opiniões com um tom de voz que mais parece um martelar. Enquanto ele fala, o pintor abstracionista Ivan Serpa, cansado do realejo contrário, prefere dormir...

O AUDITÓRIO SE MANIFESTA

É franqueada a palavra aos assistentes. Um jovem, que fala em espanhol, está intrigado com a expressão "arte abstra-

ta". Abstracción de que? indaga, sem atinar. E pede que se recorra à reconsideração dos principais teóricos do movimento, a fim de se esclarecer do que considera contradição. Quer
Continua na pág 38



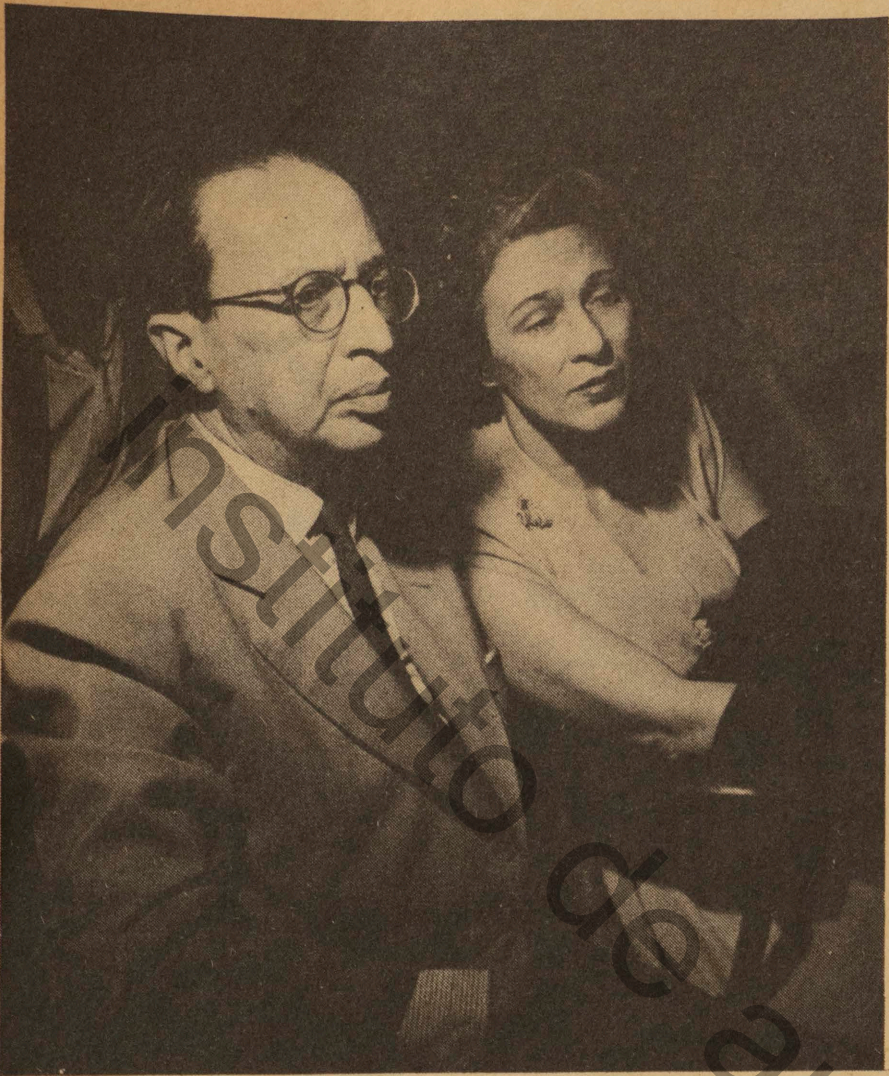
Os primeiros sintomas do tumulto.



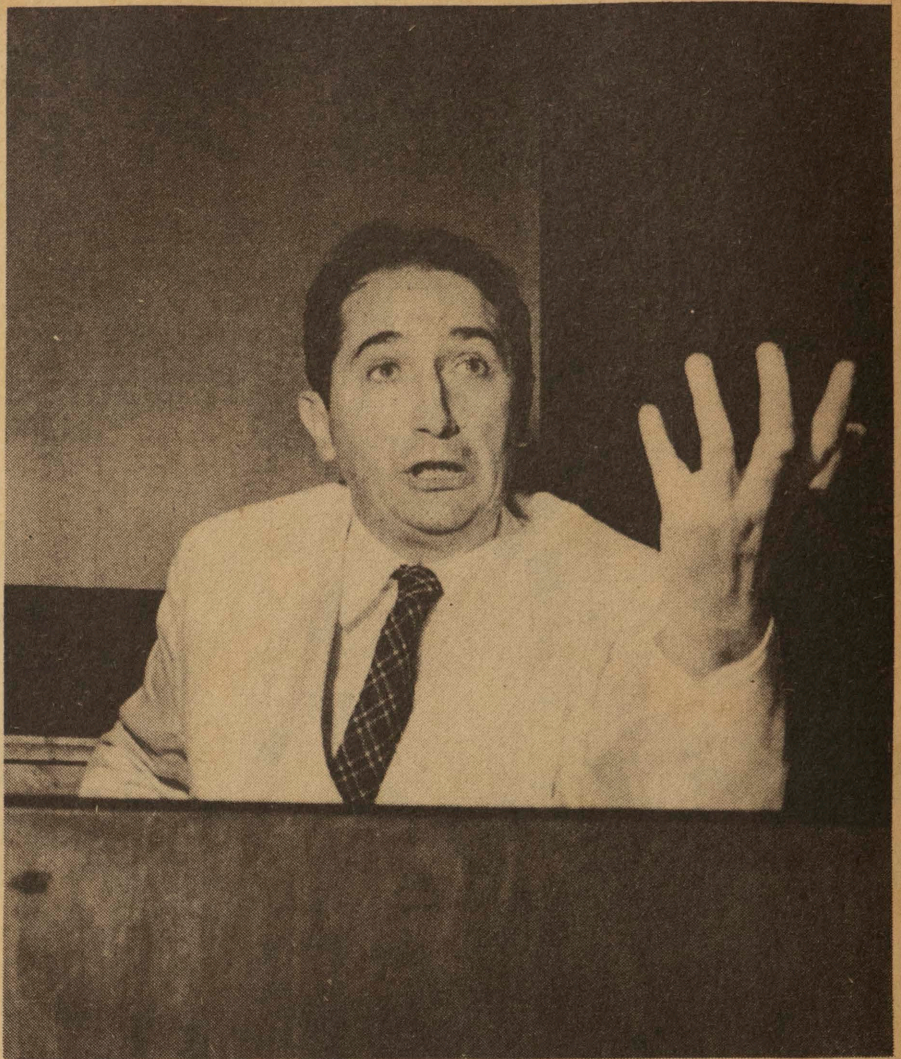
Sr. Paulo Bittencourt e Senhora Niomar Muniz Sodré, Diretora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



O gravador Oswaldo Goeldi desconfia da autenticidade duma pintura abstracista.



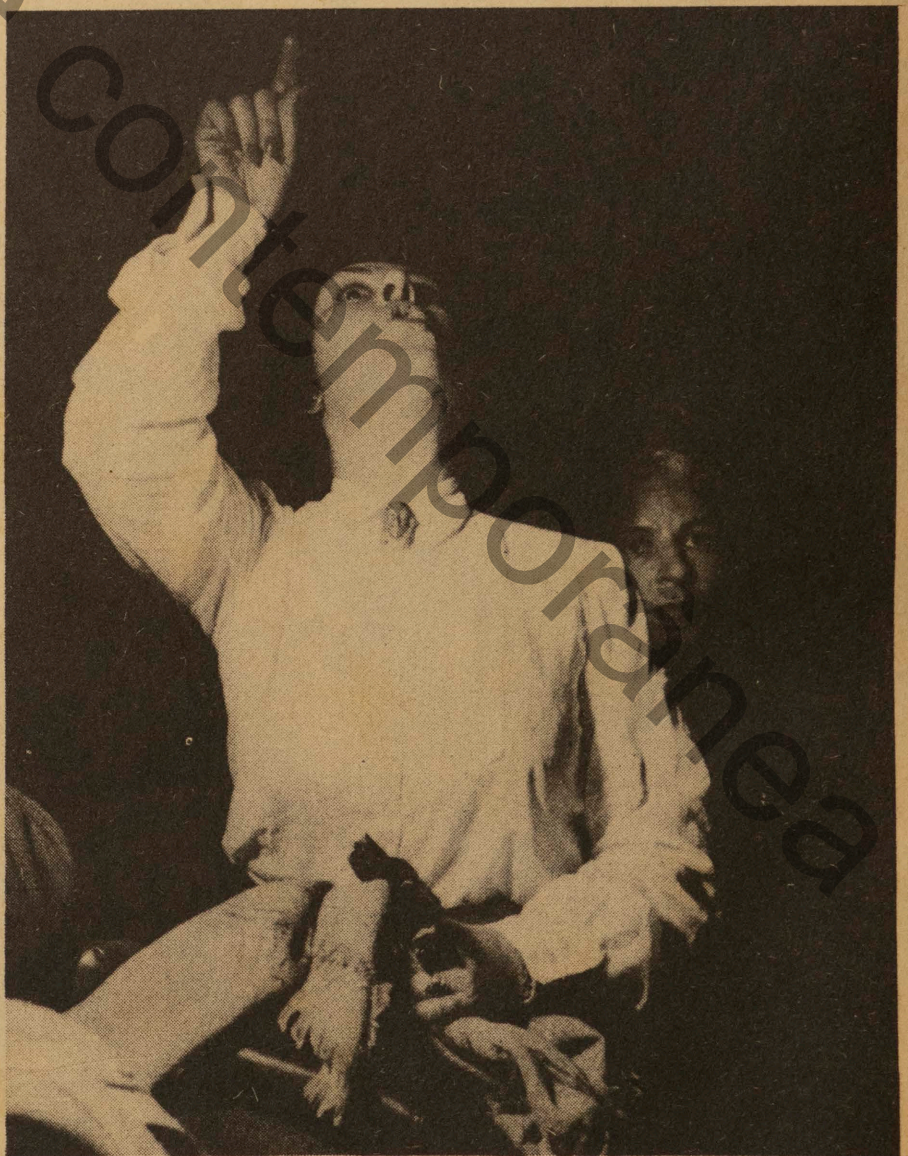
O "falecido crítico de arte" Manoel Bandeira e a baronesa de Saavedra.



Mario Pedrosa : "A pintura abstrata, ou concreta, elabora os símbolos duma nova linguagem plástica para o homem".



Ivan Serpa, cansado do realejo contrário, dorme...



"Sr. Mario Pedrosa, pergunta dramaticamente esta senhora, partidária do realismo-social, entendi certo ou errado?" E o crítico: "Errado de cabo a rabo!"



Jayr Gramacho: "Prefiro não dizer minha opinião".